



Lições da Campanha de Interdição no Vietnã

Lessons from Air Interdiction in Vietnam

*Tenente Coronel Aviador Enio Beal Júnior^{1,2}

1 Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica - RJ
2 Mestre em Estudos de Defesa pelo King's College London

RESUMO

Estudos recentes produzidos em diferentes nações concluem que um dos mais prováveis cenários em que as Forças Armadas estarão envolvidas no futuro é o de guerra irregular. Com relação à Força Aérea, conflitos recentes também demonstraram a crescente presença de dois outros aspectos: restrições políticas, por diferentes razões; e o desejo de empregar o Poder Aéreo, ao menos inicialmente, como forma de evitar o comprometimento de tropas terrestres. Essas foram também as circunstâncias em que foi travada a Guerra do Vietnã, um conflito no qual a Interdição Aérea teve um papel preponderante. Este artigo avalia a eficácia da Interdição naquele evento histórico em particular. Por meio de uma análise crítica da literatura, conclui-se que, em determinadas circunstâncias, o esforço de interdição no Vietnã pode ser considerado um sucesso no nível tático, muito embora nunca o tenha sido no nível estratégico. Finalmente, tendo identificado lições que se mantêm ao longo do tempo, este artigo apresenta dez proposições que podem ser úteis aos futuros Comandantes de nível Operacional.

Palavras-chave: Poder Aéreo. Interdição. Guerra do Vietnã. Lições aprendidas.

Recebido: 23/03/2009

Revisado: 21/05/2009

Aceito: 09/06/2009

*Autor: Tenente Coronel Aviador Enio Beal Júnior, formado pela Academia da Força Aérea em 1987; Mestrado em Estudos de Defesa pelo King's College London - Reino Unido (2007). Contato: Av. Mal. Fontenelle, 1200 – Rio de Janeiro/RJ. Tel. (21) 2108-8941. e-mail: beal81@gmail.com.

ABSTRACT

Recent documents produced by different nations agree that one of the most likely future scenarios in which the Armed Forces will be involved in the future is irregular warfare. In regards to the Air Force, contemporary conflicts also showed the increasing presence of two additional aspects: political restraints and limitations, for different reasons; and the will to employ Air Power, at least initially, for not to commit ground troops. These were also the circumstances under which the Vietnam War was fought, a conflict where Air Interdiction played a major role. This paper assesses the efficacy of interdiction in that particular event of history. Critically evaluating the related literature, it concludes that, in certain instances, the interdiction effort in Vietnam can be considered a tactical success, although it was never a strategic one. Finally, having identified enduring lessons, this paper presents ten propositions which may be useful to the modern Operational Level commander.

Key-words: Air Power. Interdiction. Vietnam War. Learned lessons.

INTRODUÇÃO

Se existe uma atitude mais perigosa do que assumir que a próxima guerra será exatamente igual à anterior é imaginar que ela será tão diferente que podemos ignorar todas as lições do último conflito.

Sir John Slessor

As palavras do Marechal Slessor, ditas ainda nos anos 50, encontraram eco na Guerra do Vietnã, e continuam a reverberar durante os dias atuais. A história desse conflito é um exemplo perfeito de quanto desastrosa pode se tornar a aplicação, em um cenário completamente diverso, de conceitos que anteriormente haviam sido empregados com sucesso (nesse caso, durante a II Guerra Mundial). Por outro lado, o confronto na Indochina, que ainda hoje permanece como um dos mais controvertidos de todos os tempos, também oferece uma enorme quantidade de lições duradouras que comandante algum deve ousar ignorar.

1 OS PRINCIPAIS OBJETIVOS DA INTERDIÇÃO NA GUERRA DO VIETNÃ

Há muito que a Interdição é considerada uma das principais tarefas do Poder Aéreo. Em geral, seu objetivo é relativamente simples: interromper o fluxo de suprimento, equipamento e pessoal do inimigo, a fim de isolar o campo de batalha. Para ser efetiva, essa interrupção deve estar relacionada a tempo (quando o inimigo precisa do ressurgimento), bem como quantidade (quanto ele necessita para continuar sua empreitada).

No que diz respeito ao emprego da arma aérea no Vietnã, o governo norte-americano estabeleceu

grandes campanhas de bombardeio que se estenderam de 1965 a 1972, sempre com a finalidade de coagir o governo norte-vietnamita a deixar de apoiar o esforço de guerra no sul (Tabela 1).

Tabela 1 – principais operações de interdição ocorridas durante a Guerra do Vietnã.

Operação	Período
Rolling Thunder	02 mar. 1965 - 31 out. 1968
Commando Hunt (I a VII)	15 nov. 1968 - 10 abr. 1972
Freedom Train	10 abr. 1972 - 09 maio 1972
Linebacker I	10 maio 1972 - 23 out. 1972
Linebacker II	18 dez. 1972 - 29 dez. 1972

A Guerra do Vietnã é um conflito extenso e controverso, e diferentes perspectivas para um mesmo evento são facilmente encontradas. Considerá-la um fato linear e homogêneo é um erro comum. Especificamente com relação ao Poder Aéreo, um dos deslizes mais facilmente encontrados é assumir que a Guerra do Vietnã teve apenas uma campanha de Interdição, e não várias¹. Na verdade, houve diferentes operações, conduzidas de diferentes maneiras, contra diferentes inimigos, respeitando diferentes restrições, e buscando alcançar diferentes acordos; aspectos que têm que ser considerados quando da análise do conflito em toda a sua extensão.

2 AS CARACTERÍSTICAS DA INTERDIÇÃO AÉREA NO VIETNÃ

Desde o início de sua luta contra a ocupação francesa, o líder vietnamita Ho Chi Minh possuía o sonho de construir um Vietnã unificado e

¹ Edward Mark é um autor que provavelmente subestimou a importância de se considerar que houve diferentes campanhas de interdição no Vietnã. Apesar de seu livro oferecer uma enorme contribuição para aquele que deseja melhor compreender a Interdição Aérea no conflito, não existe uma distinção clara entre as campanhas. Mark apresenta detalhes de alto valor histórico sobre a Op. COMMANDO HUNT VII e a ofensiva da Páscoa, mas não avalia a Op. ROLLING THUNDER, por exemplo. Suas conclusões são generalizadas, como se fossem aplicáveis à Guerra do Vietnã como um todo, apesar de a pesquisa ter sido baseada apenas nas duas Operações exaustivamente estudadas. Veja Mark, E., *Aerial Interdiction in Three Wars*. Washington, DC: Centre for Air Force History, 1994.



independente (GATES, 1987). Fiel à doutrina comunista, confiava em uma ofensiva convencional e derradeira como o fator decisivo para alcançar a vitória. Ciente dessa doutrina, os EUA concluíram que, para impedir a ofensiva final, seria necessário interromper o suprimento para o sul. Apesar de essa estratégia parecer simples, houve intensos debates acerca de qual seria a melhor forma de executá-la. Políticos e líderes militares discutiam sobre como provocar a interdição, mas os limites que foram estabelecidos forçaram o foco na Trilha Ho Chi Minh.

A Trilha era nada mais do que a principal artéria de comunicação que o Vietnã do Norte usava para conduzir a guerra: um labirinto massivo de centenas de caminhos, estradas, rios, igarapés, cavernas, passagens e túneis subterrâneos escondidos através de montanhas e florestas (LEARY, 1998). De fato, a trilha era muito mais extensa, redundante e intrincada do que a Inteligência norte-americana jamais imaginou (MARK, 1994). As próprias características do terreno também significavam que as regiões bombardeadas eram facilmente reparadas e evitadas. Havendo reconhecido que a malha rodoviária da Trilha era por demais redundante, os EUA escolheram parar o fluxo de suprimento para o Sul por meio da destruição de caminhões, que representavam o mais significativo meio de transporte. A caça aos caminhões era considerada tão importante que até mesmo o número de viaturas destruídas era a mais comum Medida de Desempenho utilizada na campanha (TILFORD, 1998a). No que diz respeito ao emprego do Poder Aéreo no Vietnã, a perseguição cega aos caminhões é provavelmente o melhor exemplo de como uma má estratégia pode levar a resultados pífios (ou até mesmo desastrosos).

Deixando de lado o debate se a perseguição aos caminhões era ou não a melhor alternativa, outro fato intrigante é que os mais eficazes destruidores de caminhão empregados durante a Guerra do

Vietnã – os *gunship* AC-119 e AC-130² – acabaram tendo que ser removidos das operações (MARK, 1994, p.352). Contrariamente ao que muitos creem, em diferentes partes do campo de batalha os EUA não dispunham de Superioridade Aérea.³ Essa era outra consequência direta das restrições, que impediam ataques a sítios SAM (*Surface-to-Air Missile* - míssil superfície-ar), AAAé (Artilharia Anti-Aérea) e aeródromos. Um dos principais motivos pelos quais ataques ao Sistema Integrado de Defesa Aérea eram proibidos devia-se ao receio de vitimar técnicos soviéticos e chineses que tripulavam os sítios para ensinar aos norte-vietnamitas como operar os equipamentos (MOMYER, 1978).

Muito embora os SAM e AAAé representassem a base da defesa aérea norte-vietnamita, eles não estavam sozinhos. Esses eram considerados a maior ameaça (muitos pilotos experientes reportaram que a *flak* de Hanói era a mais densa de toda a história da guerra aérea) (MOMYER, 1978), mas a participação dos caças da Força Aérea Norte-Vietnamita não pode ser desconsiderada. Mesmo os velhos MiG-17 ofereciam um sério perigo quando empregados em pacotes ao lado dos MiG-21. Em 1972, durante a Operação LINEBACKER I, a taxa vitória/derrota em combate aéreo pendeu em favor do inimigo pela primeira vez na história da USAF (KOHN; HARAHAHAN, 1986).

Além das reconhecidas limitações a alvos que poderiam ser atacados, o aperfeiçoamento do sistema de defesa aérea e as inteligentes contramedidas adotadas pelos norte-vietnamitas forçaram os EUA a tentar ganhar vantagem por meio do desenvolvimento de artefatos tecnológicos, táticas e técnicas específicos. Alguns dos novos métodos e equipamentos que surgiram para o tipo de guerra que os EUA lutavam trouxeram bons resultados, mas a maioria provou ser um completo desastre. Dentre alguns marcantes desenvolvimentos operacionais feitos pelos norte-

² Os *gunships* surgiram, em grande parte, como consequência da baixa efetividade dos bombardeiros e caça-bombardeiros convencionais. Essas plataformas eram aeronaves de transporte (principalmente C-119 e C-130) modificadas para carregar canhões que variavam de 20mm a 105mm. Para aumentar sua eficácia, essas aeronaves foram mais tarde equipadas com dispositivos infravermelhos, TV para baixa visibilidade e até mesmo detectores de ignição (dos motores dos caminhões). Para um exaustivo estudo acerca dos *gunships*, veja Nalty, B, *The War against Trucks: Aerial Interdiction in Southern Laos, 1968-1972*. (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 2005).

³ Aqui, o conceito de Superioridade Aérea deve ser compreendido em um sentido amplo. Vai além do escopo deste artigo discutir os vários níveis de controle do ar.



americanos, um que merece especial atenção por causa de suas persistentes lições é o fantástico sistema de Busca e Salvamento de longa distância que foi introduzido durante a Guerra do Vietnã. Entretanto, visto sob outra perspectiva, o que se poderia esperar de uma campanha aérea onde o serviço SAR foi um dos expoentes?

Outra característica presente em todas as campanhas da Guerra do Vietnã foi a baixa qualidade dos produtos de inteligência. Um bom exemplo para demonstrar essa ineficiência é a reivindicação dos EUA de terem destruído mais caminhões do que os norte-vietnamitas na verdade possuíam. Para quem estava tão focado em números (como os EUA, que extensivamente usaram estatísticas como Medidas de Eficácia), é fácil visualizar como os parâmetros adotados eram perigosos. Enquanto a USAF estimava ter destruído mais de 9.000 caminhões em 1969 e mais de 12.000 em 1970, a CIA calculava que, durante o mesmo período, o inimigo possuía apenas 6.000 veículos (TILFORD, 1998c).

Em suma, a Guerra do Vietnã – o conflito mais longo no qual os EUA se envolveram, apresenta muitas características intrigantes. A excessiva confiança em experiências históricas, combinada com um cenário repleto de restrições políticas, resultou em uma miríade de alternativas voltadas para a solução de um complicado problema. A campanha de interdição foi duramente moldada pelas decisões políticas de Johnson e Nixon (muito embora sob diferentes perspectivas). Não vem ao caso discutir as justificativas por detrás das escolhas, mas é inquestionável que a opção de não atacar alvos em profundidade no Vietnã do Norte impactou largamente a estratégia concebida para a campanha. O receio de provocar uma Terceira Guerra Mundial forçou a adoção de restrições que, não importando se legítimas ou não, afetaram severamente a maneira como Washington decidiu lutar no conflito.

3 HOUVE, EM ALGUM MOMENTO, SUCESSO NA INTERDIÇÃO DA TRILHA HO CHI MINH?

Até hoje, muitos anos após o fim da Guerra do Vietnã, opiniões divergentes ainda fomentam acalorados debates e argumentações a respeito do

que fracassou e do que deu certo no conflito. A análise do sucesso das campanhas de interdição no Vietnã deve respeitar o contexto individual das operações. Antes de argumentar qual tática de ataque funcionou melhor, deve ficar claro que os termos em negociação no início eram completamente diferentes daqueles apresentados no final da guerra. Dessa maneira, não é justo simplesmente comparar o resultado da Op. ROLLING THUNDER com o da LINEBACKER, por exemplo, sem levar em consideração seus diferentes objetivos.

Por um longo período da Guerra, as restrições significaram que os EUA não podiam atacar onde as linhas de comunicação eram mais vulneráveis: no Vietnã do Norte. Lá se encontrava o cérebro do sistema, onde instalações de apoio, suprimentos e reparos proviam a sustentação para o combate (MOMYER, 1978). O emprego de PGM (*Precise Guided Munition* - munição guiada de precisão), comum durante a Op. LINEBACKER II, provocou um importante efeito adicional que não pode ser desconsiderado. Essa munição tornou os ataques muito mais precisos, oferecendo maior eficácia à campanha (PAPE JR., 1990), e muito provavelmente ajudando a mudar o pensamento do nível político no que diz respeito ao receio da escalada.

A enorme diferença existente entre enfrentar grupos de guerrilha e forças armadas convencionais é outro ponto extremamente importante para a análise desta guerra. Salvo exceções, líderes e estrategistas do emprego do Poder Aéreo no Vietnã tinham pouca compreensão da natureza do conflito em que se envolveram, implicando resultados desastrosos (TILFORD, 1991b). O esforço principal para destruir veículos pode ser efetivo contra um longo comboio em deslocamento, o que ocorre quando há apenas umas poucas estradas (HIGGINS, 1970), porém esse não era o caso no Vietnã, não somente pela estrutura rodoviária, mas também pelas características das forças de guerrilha (LEWY, 1978). Inversamente, a Interdição Aérea contra o Exército Norte-vietnamita e os vietcongues foi bastante efetiva em 1965, 1968 e 1972, quando esses combatentes tentaram operações de larga escala empregando forças convencionais.



A estratégia é outro assunto vital para a compreensão dos sucessos e falhas no Vietnã. Em última análise, a derrota ocorreu devido às más estratégias concebidas para conduzir a guerra: o bombardeio convencional não era adequado para confrontar a tática (de guerrilha) adotada pelo inimigo. A má estratégia surgiu inicialmente nas mentes dos Generais norte-americanos, que se encontravam inebriados pelo desempenho do Poder Aéreo na II Guerra Mundial e na Guerra da Coréia, tendo se tornado, como disse Tilford (1998b), “vítimas de suas próprias experiências históricas.” De fato, ao contrário de potências industriais, como a Alemanha e o Japão, o Vietnã do Norte possuía muito poucas indústrias, significando que a campanha tinha que ser conduzida de forma diferente.

Com respeito à integração das Forças, a situação também foi terrível⁴. No início, complexas estruturas de Comando e Controle tiveram que ser estabelecidas, devido à dificuldade de se implementar as tantas restrições e regras de engajamento (GUILMARTIN, 1991). Essa complexidade apenas agravou os problemas entre as três Forças Singulares: descrevendo as rivalidades da época, um acadêmico afirmou que as disputas “que dominaram e envenenaram as relações entre as forças armadas nos anos 50 foram transplantadas para o Vietnã, onde provocaram efeitos adversos nas operações, especialmente durante o período entre 1962 e 1965” (TILFORD, 1991b).

As Medidas de Eficácia adotadas também foram desastrosas. Focado em números e estatísticas, o Secretário de Defesa Robert McNamara determinou, por exemplo, que os alvos aprovados pelo presidente Johnson deveriam ser atacados tantas vezes quantas fossem necessárias até que um dano de 80% fosse alcançado (GUILMARTIN, 1991). Da mesma forma, durante um longo período do conflito, a quantidade de caminhões destruídos ou a tonelagem de bombas despejadas era a forma de se determinar se os resultados da campanha estavam ocorrendo a contento.

⁴ Para uma análise mais aprofundada acerca do nível e da natureza da rivalidade entre a USAF e a US Navy, veja Horwood, I, *Interservice Rivalry and Airpower in the Vietnam War*. (Fort Leavenworth: Combat Studies Institute, 2006).

A avaliação do sucesso ou fracasso nas diferentes campanhas de interdição do Vietnã tem que seguir três pontos principais: primeiro, é necessário verificar quais eram os objetivos de cada uma das Operações em análise. Em seguida, deve-se analisar as circunstâncias sob as quais a campanha teve que ser conduzida. Finalmente (e mais importante), o resultado de uma operação específica deve ser confrontado com as metas previamente estabelecidas para essa mesma campanha.

Dentre as campanhas de interdição, as Op. LINEBACKER são consideradas as que apresentaram os melhores resultados. Esse relativo sucesso deveu-se em parte porque Washington tinha um objetivo bastante restrito (uma saída honrosa), e também porque os vietnamitas aceitaram um acordo de cessar-fogo que lhes era extremamente favorável (permitindo, por exemplo, a manutenção de 100.000 soldados no Vietnã do Sul) (NALTY, 2005). Finalmente, considerando-se que os norte-vietnamitas acabaram lançando sua ofensiva final, o sucesso das Op. LINEBACKER deve ser visto de forma limitada: apesar de poder ser considerado um sucesso operacional, certamente não se tratou de uma vitória estratégica.

4 DEZ PROPOSIÇÕES PARA O FUTURO COMANDANTE OPERACIONAL

Deixar de cometer erros não está ao alcance do homem; mas de seus erros e enganos os bons e astutos ganham experiência para o futuro.

Plutarco (46 DC – 120 DC)

O estudo da interdição Aérea no Vietnã é um assunto de grande interesse para qualquer entusiasta do Poder Aéreo. Sem pretender apontar eventuais soluções para os problemas enfrentados pelos EUA, essa experiência histórica pode prover lições duradouras de alto valor. Assim, seguem dez proposições para o futuro comandante de nível operacional:

1) SUPERIORIDADE AÉREA É ESSENCIAL

A Guerra do Vietnã provou que, no que diz respeito ao emprego do Poder Aéreo, seu princípio



mais crítico (e também um dos mais antigos) continuará a reinar: a necessidade de se conquistar e manter a Superioridade Aérea. O conflito na península da Indochina provou que mesmo um inimigo modesto pode desafiar o controle dos céus, apresentando enormes dificuldades para a condução da guerra.

A crença de que a Superioridade Aérea não será tão importante no futuro é uma falácia que tem sido reforçada pelo fato de que, em recentes conflitos, Forças Aéreas ocidentais foram absolutamente superiores. Não importando quão dominante seja uma Força Aérea no futuro, não se pode considerar que a Superioridade Aérea será obtida sem qualquer esforço. Os problemas enfrentados durante a campanha de interdição no Vietnã são um bom exemplo para provar que se esse conceito fundamental for esquecido ou subestimado, graves consequências surgirão - não somente para o componente aéreo, mas para as Forças Combinadas como um todo.

2) INTELIGÊNCIA É UM FATOR DOMINANTE

Em uma guerra contra-insurgência, plataformas dedicadas à coleta de dados são tão necessárias quanto em conflitos convencionais – talvez até mais importantes. Desde a obrigatoriedade de seguir os passos do inimigo até a necessidade de localizar os alvos, a Guerra do Vietnã demonstrou como um bom serviço de inteligência é vital. Sobretudo nos conflitos assimétricos contemporâneos, plataformas de coleta de informações estão demonstrando sua relevância, principalmente porque o conceito de Operações Baseadas em Efeitos é altamente dependente de conhecimentos de inteligência. Os caminhões do conflito do Vietnã podem ser comparados aos Alvos Sensíveis ao Tempo de hoje. A cobertura de vegetação que protegia a Trilha Ho Chi Minh pode ser representada pelos túneis e cavernas no Afeganistão ou pelas áreas urbanas no Iraque. Para se contrapor a essas ameaças, é indispensável a constituição de um sistema de inteligência abrangente, que ofereça um envelopamento vertical e horizontal capaz de apoiar do nível tático ao estratégico e que englobe as três Forças Singulares.

3) TECNOLOGIA É IMPORTANTE, MAS NÃO GARANTE O SUCESSO

Durante toda a campanha do Vietnã, os EUA se mantiveram fascinados pela tecnologia, continuamente procurando uma solução mágica que pudesse fazê-los alcançar a vitória rapidamente. Muito embora seja possível afirmar que houve vários avanços tecnológicos relevantes, como as bombas de precisão (PGM), esses avanços nunca foram suficientemente capazes de suplantar os desafios enfrentados. O Vietnã nos ensinou que um inimigo nunca pode ser subestimado: mesmo sofisticados sensores e sistemas de armas altamente desenvolvidos puderam ser contestados por soluções inteligentes e efetivas. Mais recentemente, a Guerra do Kosovo confirmou o corolário que afirma que a história se repete: um inimigo muito menos capaz conseguiu abater uma aeronave *stealth* no estado da arte (um F-117).

No Vietnã, os EUA concentraram-se excessivamente em novas tecnologias e deixaram de determinar uma estratégia apropriada a uma guerra não convencional. Isso é ainda mais alarmante se considerarmos que à medida que aumenta a defasagem tecnológica, mais e mais o inimigo irá buscar alternativas assimétricas para atuar. O futuro comandante necessita ter em mente que avanços tecnológicos nunca serão a panacéia – eles poderão muito bem aumentar a eficácia, mas nunca irão solucionar todos os problemas e magicamente trazer a vitória. Nem mesmo um poder de fogo estupendo ou uma tecnologia fantástica sobrepujam uma estratégia inconsistente.

4) ESTUDE O AMBIENTE

Com respeito aos alvos de interdição, não existe regra única, mas os exemplos do Vietnã podem oferecer conclusões muito importantes. Durante a campanha, a topografia, a geografia e a meteorologia atenuaram os efeitos da interdição em muito maior grau do que as limitações intrínsecas a esse tipo de missão. Ficou provado que, normalmente, esperar para interditar, quando o inimigo já distribuiu seus suprimentos entre centenas de veículos, significa que será muito mais difícil e custoso provocar a interdição da área desejada. Mais ainda, a Guerra do Vietnã



demonstrou como é difícil interditar um campo de batalha rodeado por países que, mesmo que não colaborem com o inimigo, oferecem a oportunidade de serem utilizados como santuários e de terem suas fronteiras facilmente transpostas. No intuito de buscar o “alvo ideal”, e visando prover a necessária proteção às suas tropas, o futuro comandante deve ter em mente que a interdição é possível de ser alcançada somente quando bons pontos de estrangulamento estão presentes: ferrovias; locais de embarque e desembarque; ou áreas de reabastecimento e transbordo, por exemplo. Contrariamente, se esses alvos não existem ou se vizinhos garantem o suprimento de material e oferecem refúgio (principalmente quando combinado com restrições políticas), a situação se torna extremamente desfavorável e perigosa.

5) CONHEÇA SEU INIMIGO

Essa pode ser uma assertiva antiga, mas é também vital e frequentemente esquecida. Desde o início da Guerra do Vietnã, os EUA não conseguiam compreender quão importante seria diferenciar a guerrilha de um conflito convencional. Eles não observaram um dos mais importantes conceitos clausewitzianos, fracassando em identificar o tipo de guerra na qual embarcavam – algo fundamental para permitir o sucesso. Os guerrilheiros do Vietnã deslocavam-se a pé; utilizavam santuários para se proteger de ataques aéreos; misturavam-se facilmente com a população local; e necessitavam de uma quantidade incrivelmente pequena de suprimento para continuar lutando. Eram, portanto, um inimigo muito difícil de desarticular, em contraste com forças convencionais, que demandam muito mais recursos, oferecem equipamentos muito mais fáceis de serem atacados e são muito mais pressionadas pelo tempo. A análise do conflito mostra que a interdição do campo de batalha em um cenário similar ao do Vietnã é uma tarefa muito difícil de ser cumprida, levando à conclusão que a Interdição Aérea tem seus limites e pode não ser tão efetiva em um cenário de guerra contra-insurgência.

Assim, quando o inimigo é altamente motivado por uma ideologia (como no caso do Vietnã) ou

religião (nos conflitos contemporâneos); quando esse oponente enxerga a luta como uma guerra pela sobrevivência nacional; e principalmente quando utiliza métodos de guerrilha, uma campanha de interdição coercitiva dificilmente prosperará. Nesse momento, o comandante precisa considerar diferentes maneiras de empregar estrategicamente o Poder Aéreo, com mais ênfase em efeitos não cinéticos, porque ganhar corações e mentes se torna mais importante do que promover a destruição.

6) ESTABELEÇA ESTADOS FINAIS DESEJADOS QUE SEJAM ATINGÍVEIS

O medo de provocar uma Terceira Guerra Mundial fez com que o nível político estabelecesse severas restrições à forma como a Interdição deveria ser conduzida no Vietnã, impedindo ataques a alguns dos mais significativos alvos. Nos conflitos futuros, principalmente nas “guerras por opção”, restrições políticas continuarão a existir, não importando se são justificáveis ou não. O advento de novas tecnologias aparenta indicar que o microgerenciamento da guerra (o desejo que os escalões superiores têm de exercer o comando e controle até os níveis mais inferiores) estará ainda mais presente do que esteve no Vietnã – seja para evitar a escalada ou por qualquer outra razão. Por outro lado, devido à crescente aversão a vítimas, as operações mais recentes sugerem que o Poder Aéreo continuará sendo escolhido como uma das primeiras opções militares, para que não seja necessário comprometer tropas terrestres (exatamente como ocorreu no Vietnã, no Kosovo e no Iraque). Assim, ao mesmo tempo em que o Poder Aéreo sofrerá com maiores limitações, também será mais frequentemente requisitado a atuar.

A Interdição Aérea no Vietnã foi uma tarefa muito difícil de ser cumprida, e nada indica que o futuro será diferente. Obedecer aos princípios de Guerra Justa (*jus ad bellum*, *jus in bello* e *jus post bellum*) é nossa forma de combater, respeitando leis e restrições rigorosas que frequentemente não serão seguidas pelo inimigo. Por conseguinte, os homens de Força Aérea terão que possuir uma perfeita compreensão das regras de engajamento, de forma a assessorar o que pode ser cumprido dentro dos



limites estabelecidos. A menos que se estabeleça um estado final desejado que seja atingível, não importarão quantos sucessos táticos sejam alcançados – no final, não haverá triunfo estratégico.

7) BUSQUE A SINERGIA

A Guerra do Vietnã também pode ser caracterizada pela reduzida integração de esforços. Disputas e rivalidades não eram observadas apenas entre militares e políticos, como demonstrado nos lamentos acerca do papel dos assessores civis ou das “interferências” presidenciais nos assuntos militares, mas também entre as Forças Singulares, que estabeleceram estruturas de inteligência não integradas e que competiam pelo número de surtidas. O sucesso das Op. LINEBACKER ilustra muito bem como é importante adotar diferentes linhas de operação, contemplando várias expressões do poder nacional. Mesmo que o sucesso da última campanha de interdição seja visto sob uma perspectiva limitada, não se pode negar que a Expressão Diplomática do Poder Nacional provocou um grande impacto no resultado daquela campanha.

Operações Combinadas e uma abordagem abrangente (que envolva diferentes organizações governamentais) não são conceitos novos, nem mesmo soluções mágicas. Entretanto, o futuro comandante operacional deve compreender que a interdição tem maiores chances de produzir bons resultados quando aplicada em conjunto com outras atividades: ações letais e não letais; campanhas de influência, como Operações Psicológicas; e emprego das Expressões Política e Econômica do Poder Nacional. Somente com a reunião de todas as capacidades das Forças Singulares e dos diferentes órgãos governamentais, sob um arranjo abrangente que busque um efeito sinérgico, é provável que a Interdição Aérea traga bons resultados.

8) VINCULE OS ALVOS TÁTICOS À ESTRATÉGIA

No Vietnã, os líderes militares não foram capazes de compreender uma variedade de aspectos presentes (sociais, culturais e políticos),

além do campo militar. Dessa forma, eles não estabeleceram uma estratégia adequada que englobasse todas essas características, algo fundamental para permitir o sucesso. Em suma, os líderes não estabeleceram uma estratégia apropriada para a guerra que estavam lutando, o que se refletia nos alvos que eram escolhidos.

A seleção de alvos é crucial, porquanto estes necessitam estar intimamente ligados ao objetivo de mais alto nível da campanha, algo que em absoluto foi o caso durante a Guerra do Vietnã. O conflito tomou a direção errada logo no seu início, porque ainda que os objetivos táticos estabelecidos (como a caça aos caminhões) tivessem sido alcançados, seus resultados poderiam não contribuir significativamente para se alcançar o estado final desejado. Muita ênfase havia sido colocada em soluções que não tomavam a direção correta. Por vezes, a lógica não era seguida nem mesmo para definir a seqüência dos ataques, que ocorriam de forma descoordenada, e cujos alvos eram escolhidos aleatoriamente – até mesmo de forma incoerente. Neste ponto reside outra importante lição para o futuro: se iniciarmos nossas atividades a partir de uma premissa errada, estaremos destinados ao fracasso, ainda que o resto do processo esteja correto. Boas táticas não implicam uma boa estratégia.

9) ESCOLHA INDICADORES ADEQUADOS

Durante a Guerra do Vietnã, não apenas os militares, mas também os líderes norte-americanos de mais alto escalão (como o Secretário McNamara) concentraram suas atenções em surtidas, tonelagem de bombas despejadas e veículos destruídos. Estatísticas foram largamente empregadas para avaliar o progresso das operações, e por um longo período as Medidas de Efetividade que foram escolhidas levaram muitos a acreditar que os EUA estavam vencendo a guerra.

Em uma campanha de interdição, o nível de destruição nem sempre é uma maneira precisa de se medir efeitos. Mormente em guerras contra-insurgência, o que deve ser determinado não é somente a extensão do dano infligido; mais importante é avaliar quanto o inimigo consegue



suportar. A destruição não é o objetivo final, porque a aniquilação dos equipamentos inimigos nem sempre significa vitória. Efetuar cálculos é algo muito mais fácil do que entrar na mente do inimigo para avaliar qual o nível de determinação que ele ainda possui. Portanto, o comandante operacional perspicaz deve escolher formas adequadas para analisar a evolução da campanha, mantendo em mente que, via de regra, estatísticas não são a melhor opção.

10) A INTERDIÇÃO AÉREA FUNCIONA

Por último, mas não menos importante: a interdição ainda é uma formidável tarefa do Poder Aéreo. Em conflitos contra-insurgência, pode ser que inicialmente a Interdição Aérea seja de pouca utilidade, mas ela não pode ser desconsiderada, visto que, à medida que os insurgentes começam a ser galvanizados pelo seu sucesso, existe a tendência de se alternar para o emprego de métodos convencionais. É nesse momento que, se a oportunidade for aproveitada, a interdição provará sua maior utilidade.

No Vietnã, mesmo o embate contra a guerrilha não foi o mesmo o tempo todo; de tempos em tempos o inimigo apresentava ações bastante similares àquelas adotadas por forças convencionais. Estabelecido um *continuum* que vai da “guerrilha pura” ao emprego convencional de forças armadas, pode-se afirmar que à medida que o conflito se aproxima desta última modalidade, mais fácil se torna a definição de alvos e maior é a probabilidade de que a interdição traga sucesso. Por conseguinte, é fundamental que o comandante compreenda a existência desse *continuum* e avalie, se for o caso, a transição de guerrilha para conflito convencional, como forma de alcançar resultados tempestivos e determinantes.

CONCLUSÃO

A análise de qualquer aspecto da Guerra do Vietnã representa um dos mais fascinantes e desafiadores estudos que alguém pode escolher, e a avaliação do papel da Interdição Aérea no conflito não é uma exceção à regra. Em um duelo controverso como este, o fato de forças armadas absurdamente mais poderosas terem sido derrotadas

por um inimigo muito menos equipado é uma lição a ser aprendida, principalmente se considerarmos que guerras assimétricas estarão na ordem do dia dos futuros embates. Caso contrário, formas dissimilares de luta passarão a se tornar um atrativo cada vez maior para potenciais adversários, sejam eles atores estatais ou não.

A interdição do campo de batalha ainda tem um papel vital na moderna doutrina aérea. Isto traz especial prestígio ao assunto, indicando que as lições oferecidas por esta guerra específica não podem ser esquecidas por líderes que pretendem estar atualizados com o emprego do Poder Aéreo. Conforme comentado no início, as palavras do Marechal Slessor se encaixam perfeitamente no caso estudado. Ao mesmo tempo em que demonstra como é perigoso aplicar indiscriminadamente conclusões oriundas de outros conflitos, a Guerra do Vietnã também prova ser uma fonte extremamente rica de lições para os conflitos do futuro. Em adição às palavras do insigne teórico do Poder Aéreo, a única coisa que pode ser dita é que o comandante sagaz necessita ter a capacidade de distinguir que lições são aplicáveis à missão que lhe foi atribuída, sempre se lembrando de que guerra não é somente ciência, mas também uma arte.

REFERÊNCIAS

- CLODFELTER, M. *The limits of air power*. Lincoln: University of Nebraska, 2006.
- DeGROOT, G. *A noble cause? America and the Vietnam War*. London: Longman, 2000.



- DEWS, E.; KOZACZKA, F. **Air interdiction: Lessons from the past campaigns.** Santa Monica: Rand, 1981.
- GATES, J. Vietnam: The debate goes On. In: MATTHEWS, L.; BROWN, D. (Ed.). **Assessing the Vietnam War.** Aylesbury: Pergamon-Brassey's, 1987. p. 43-56.
- GUILMARTIN, J. Bombing the Ho Chi Minh Trail: a preliminary analysis of the effects of air interdiction. **Air Power History**, n. 38, p. 3-17, inverno 1991.
- HEAD, W. **War from above the Clouds.** Maxwell: Air University Press, 2002.
- HERRING, G. **America's longest war: the United States and Vietnam, 1950-1975.** New York: John Wiley, 1979.
- HIGGINS, J. **Military movements and supply lines as comparative interdiction targets.** Santa Monica: Rand, 1970.
- HORWOOD, I. **Interservice rivalry and airpower in the Vietnam War.** Fort Leavenworth: Combat Studies Institute, 2006.
- KOHN, R.; HARAHAHAN, J. **Air interdiction in world War II: Korea and Vietnam.** Washington, DC: Office of Air Force History, 1986.
- LEARY, W. Ho Chi Minh Trail. In: TUCKER, S. (Ed.). **Encyclopedia of the Vietnam War** Santa Barbara: ABC-CLIO, 1998. p. 289-291.
- LEWY, G. **America in Vietnam.** New York: Oxford University, 1978.
- MANN, R. **A grand delusion: America's descent into Vietnam.** USA: Basic Books, 2002.
- MARK, E. **Aerial interdiction in three wars.** Washington, DC: Center for Air Force History, 1994.
- MOMYER, W. **Air Power in Three Wars.** Washington, DC: US Government Printing Office, 1978.
- NALTY, B. **The war against trucks: aerial interdiction in southern Laos, 1968-1972.** Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 2005.
- PAPE, Jr., R. **Bombing to win: air power and coercion in war.** Ithaca: Cornell University, 1996.
- _____. Coercive air power in the Vietnam war. **International security**, v. 15, n. 2, p. 103-146, 1990.
- SCHELLING, T. **Arms and influence.** New York: Yale University, 1966.
- TILFORD, JR., E. Operation commando hunt. In: TUCKER, S. (Ed.). **Encyclopedia of the Vietnam War.** Santa Barbara: ABC-CLIO, 1998a. 129 p.
- _____. Operation rolling thunder. In: TUCKER, S. (Ed.). **Encyclopedia of the Vietnam War.** Santa Barbara: ABC-CLIO, 1998b. p. 617-620.
- _____. **Setup: What the Air Force did in Vietnam and Why.** Maxwell: Air University, 1991a.
- _____. Setup: Why and How the U.S. Air Force Lost in Vietnam. **Armed forces and society**, v. 17, n. 3, p. 327-342, 1991.
- _____. United States: Air Force. In: TUCKER, S. (Ed.). **Encyclopedia of the Vietnam War.** Santa Barbara: ABC-CLIO, 1998c. p. 715-718.

